



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)
ISSN 2177-3688

GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento

Comunicação Oral

**COMUNIDADES DE PRÁTICA E SUAS CARACTERÍSTICAS: UM
ESTUDO NA REDE DE BIBLIOTECAS E CENTROS DE
INFORMAÇÃO EM ARTE NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO¹**

***COMMUNITIES OF PRACTICE AND THEIR CHARACTERISTICS: A
STUDY IN REDE DE BIBLIOTECAS E CENTROS DE INFORMAÇÃO EM
ARTE NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO***

Elisete de Sousa Melo, UNIRIO
elisetemel@hotmail.com

Mariza Costa Almeida, UNIRIO
mariza.almeida@unirio.br

Resumo: Pesquisa exploratória e descritiva que analisou e identificou as características da Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro equivalentes às características de comunidades de prática, e verificar a contribuição das características identificadas para ampliar a integração das ações desenvolvidas pelos profissionais de informação em Arte e suas instituições. Foram aplicados os parâmetros que fundamentam uma comunidade de prática: o domínio, a comunidade e a prática, bem como, os indicadores de comunidade estabelecidos pela literatura para analisar o desempenho, interações, o compartilhamento de conhecimento e a troca de experiências na Rede. O crescimento da rede foi estudado sob a teoria da difusão de inovação, pois a Rede pode ser considerada uma inovação organizacional ao longo de sua trajetória. Trata-se de estudo de caso com abordagem qualitativa que adota técnicas de abordagem quantitativa para tabular o questionário enviado aos membros da rede. Constata-se que a rede em relação às características de comunidades de prática ficou comprovada que a Rede possui 83% no que se refere ao domínio, 81,2% relativos à comunidade e 76,1% relacionados à prática. E, em

¹ O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

termos de difusão de inovação encontra-se em expansão. Verifica-se que a Rede pode ser considerada uma comunidade de prática e se beneficiar adotando dinâmicas de comunidades de prática como lições aprendidas, encontros semestrais com os membros da Rede para alinhamento dos integrantes entre outras práticas fortalecer as interações dos profissionais da informação em Arte na Rede.

Palavras-chave: Comunidades de prática. Gestão do conhecimento. Informação em Artes. Redes de bibliotecas. Centros de informação.

Abstract: Exploratory and descriptive research that analyzed and identified the characteristics of the Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro equivalent to the communities of practice of characteristics and verify the contribution of the characteristics identified to expand the integration of the actions developed by the professionals Information Art and its institutions. The following parameters were applied to establish a community of practice: the domain, the community and the practice, as well as community indicators established in the literature to analyze the performance, interactions, knowledge sharing and the exchange of experiences on the Web. The growth of the network has been studied under the theory of diffusion of innovation, because the network can be considered an organizational innovation throughout his career. It is a case study with a qualitative approach that adopts quantitative approach techniques to tabulate the questionnaire sent to members of the network. It appears that the network in relation to communities of practice characteristics was proven that the Network has 83% with respect to the domain, 81.2% related to the community and 76.1% related to the practice. And in terms of innovation diffusion is expanding. It appears that the network can be considered a community of practice and benefit from adopting dynamic communities of practice and lessons learned, semi-annual meetings with members of the network to alignment of members among other practices strengthen the interactions of information professionals in the Arts network.

Keywords: Communities of practice. Knowledge management. Information Arts. Networks of libraries. Information centers.

1 INTRODUÇÃO

Compartilhar conhecimento é da natureza humana. Em ambiente organizacional significa a oportunidade de ampliar horizontes, abrir espaço para a troca de experiências e desenvolvimento profissional. Partilhar conhecimento entre pares é uma prática antiga tanto entre grupos formais como informais. De um modo geral, as pessoas têm necessidade de se comunicar. Cada vez mais, os profissionais estão se estruturando em grupos com a finalidade de compartilhar, colaborar e cooperar uns com os outros de forma a atender suas necessidades de conhecimento.

Existem inúmeros tipos de agrupamentos. No ambiente organizacional, as equipes de trabalho, as redes, as comunidades de interesse e as comunidades de prática, qualquer que seja o rótulo adotado, todas tem em comum gerar e trocar conhecimento.

As comunidades de prática propõem um ambiente favorável à interação e a integração entre seus participantes, estimulando a aprendizagem e o compartilhamento do conhecimento gerado por seus membros (WENGER, 1998). O referencial teórico para desenvolver a pesquisa abrangeu os conceitos fundamentais relativos às comunidades de prática encontradas em Wenger (1998; 2000; 2001; 2006; 2010); McDermott (2001) e Wenger, McDermott e Snyder (2002). Para contextualizar comunidades de prática na área de gestão do conhecimento, recorreu-se aos conceitos de especialistas, tais como Nonaka e Takeuchi (1997); Koenig (2012); Townley (2001); Terra (2005; 2007); Wilson (2002); Choo (2003); Malhotra (2005), entre outros.

Na análise do quadro evolutivo da Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Artes no Estado do Rio de Janeiro - REDARTE/RJ utilizou-se dimensões da teoria de difusão de inovação de Rogers (1983; 2003).

A teoria sobre comunidade de prática, gestão do conhecimento e difusão de inovação serviram de fundamentos para analisar a REDARTE/RJ.

Sendo assim, ao relacionar a teoria sobre comunidades de prática no contexto da gestão do conhecimento na trajetória da REDARTE/RJ surge o questionamento que norteou a pesquisa - a REDARTE/RJ pode ser caracterizada como uma comunidade de prática? Quais são os atributos de comunidades de práticas que estão presentes na REDARTE/RJ?

O objetivo da pesquisa foi analisar e identificar as características da Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro equivalentes às características de comunidades de prática, e verificar a contribuição das características identificadas para ampliar a integração das ações desenvolvidas pelos profissionais de informação em Arte e suas instituições.

2 GESTÃO DO CONHECIMENTO, COMUNIDADES DE PRÁTICA E DIFUSÃO DE INOVAÇÃO

Os fundamentos teóricos que nortearam o diagnóstico da pesquisa: conceituação de comunidades de prática como recurso e análise de gestão do conhecimento, suas principais características e seus fatores de sucesso; e identificar como ocorre a difusão da REDARTE/RJ entre as Bibliotecas de Arte do Estado do Rio de Janeiro de forma a estudar a evolução da Rede.

2.1 GESTÃO DO CONHECIMENTO

Para discorrer sobre comunidades de práticas, deve-se antes situá-la como instrumento e processo de análise da tendência à Gestão do Conhecimento (GC) nas organizações.

Quanto à definição de GC, ainda não há consenso entre os autores e especialistas que tratam do assunto, pois a definição depende do contexto, da metodologia e da abordagem.

A pesquisa realizada tomou por base estudos de Koenig (2012), Gartner Group (2003), Gurteen (2002), Malhotra (2005), Wiig (2004), Townley (2001), Wilson (2002) entre outros. Destaca-se a definição da Seção de Gestão do Conhecimento da IFLA GC

[...] é um processo de criação, armazenamento, compartilhamento, aplicação e reuso do conhecimento organizacional para permitir uma organização atingir suas metas e objetivos. KM compreende o conceito de "conhecimento" além dos conceitos existentes como "memória", "armazenamento", e "informação". O termo abrange áreas como o conhecimento tácito (especialização), o conhecimento implícito, o conhecimento explícito e conhecimento processual. (IFLA. *Knowledge Management Section*, [s.d.] tradução nossa).

2.2 COMUNIDADES DE PRÁTICA

O conceito de comunidade de prática tem sua origem na tentativa de explicar a natureza social da aprendizagem humana inspirada pela antropologia e teoria social, segundo estudos realizados por Wenger e Lave no final dos anos 80, conforme relato de Wenger (2010, p.1). O autor sustenta que uma CoP pode ser vista como um sistema social constituído por comunidades inter-relacionadas de prática. Trata-se de um conceito que envolve inúmeras perspectivas que contribuem para a aprendizagem dos indivíduos.

Os benefícios que a adoção de comunidades de prática pode trazer para as organizações são observados a curto e em longo prazo, conforme menciona Wenger, McDermott e Snyder (2002, p.16). Para organização: valor em curto prazo melhora os resultados do negócio; e, em longo prazo para desenvolver competências organizacionais. Já para os membros: melhora a experiência do trabalho e fomenta o desenvolvimento profissional.

2.2.1 Características

Wenger (1998) e Wenger, McDermott e Snyder (2002) afirmam que comunidades de prática “são grupos de pessoas que compartilham um interesse ou “paixão” por determinado assunto que pretendem desenvolver competências de seus participantes de forma a fazer e aprender fazê-lo de um modo melhor, assim gera e troca conhecimento”.

Segundo Wenger, McDermott e Snyder (2002, p.27), as características que definem a comunidade de prática são: o domínio, a comunidade e a prática.

De acordo com os autores, O **domínio** - o embasamento é comum a todos. Com o passar do tempo é o que institui uma identidade para o grupo e define o foco da discussão na comunidade. Legitima a comunidade por afirmar seu propósito e valor para os membros e as partes interessadas. Existe uma competência compartilhada que diferencia seus membros de outros. É algo dinâmico que se atualiza com o mundo social e a própria comunidade.

A **comunidade** - é constituída pelo grupo de pessoas que interagem, colaboram, compartilham informações e conhecimento. Estabelecem relações de forma a aprenderem um com os outros. Desenvolvem um sentimento de pertencer a algo, de estar engajadas em algo que contribua para melhoria de suas atividades. O grupo apreende junto e constrói em conjunto, o que pode resultar em produtos e serviços. A interação cria uma “*common history and communal identity*”, mas isto não quer dizer que sempre exista harmonia. Daí a importância do líder de uma comunidade estar preparado para acompanhar a evolução da mesma.

A **prática** - os membros de uma comunidade de prática são os praticantes. Desenvolvem um repertório compartilhado de recursos: experiências, ideias, histórias, ferramentas, estilo e formas de lidar com problemas recorrentes, documentos compartilhados pelos membros. Isto leva tempo e interação sustentada. Os participantes estabelecem rotinas para organização do conhecimento de forma que possa ser útil para cada um em suas unidades. E o resultado é um produto da comunidade e não do indivíduo.

Wenger, McDermott e Snyder (2002, p.45) asseguram que deve ser mantido o equilíbrio dos três elementos/características para orientar o desenvolvimento, a manutenção e a sustentabilidade de comunidades de prática numa organização e extramuros.

Em síntese pode-se dizer que o domínio significa uma identidade definida pelo compartilhamento de interesse(s) por pares comprometidos e um grau de confiança estabelecido ao longo do tempo. A comunidade refere-se a uma relação construída que permite um aprendizado constante. A prática diz respeito aos profissionais que no seu dia-a-dia, trocam experiências, utilizam ferramentas semelhantes, desenvolvem produtos e serviços.

Observa-se que comunidades de prática estão sendo adotadas como instrumento de aprendizagem organizacional em diversas áreas, tais como na Enfermagem nos estudos de Andrew, Tolson e Ferguson (2009), na Educação no artigo de Gómez e Rico (2007), área universitária por Siedlok, Hibbert e Sillince (2015), entre outros exemplos.

Ao mesmo tempo em que é fundamental a presença dos três elementos é importante que se destaque os critérios e fatores de identificação de uma comunidade de prática.

2.2.2 Indicadores de comunidades de prática

Alguns aspectos devem ser levados em consideração ao se estruturar uma comunidade de prática. Wenger (1998, p.125-126) elenca 14 indicadores determinantes para estruturar uma CoP.

1. As relações mútuas sustentáveis - harmoniosas ou conflituosas;
2. Formas compartilhadas de engajar-se em fazer as coisas juntos;
3. O rápido fluxo de informações e propagação da inovação;
4. Ausência de preâmbulos introdutórios, como se conversas e interações foram apenas a continuação de um processo contínuo;
5. Configuração muito rápida de um problema a ser discutido;
6. Sobreposição substancial entre as descrições de quem pertence dos participantes;
7. Conhecer o que os outros sabem o que eles podem fazer, e como eles podem contribuir para uma empresa;
8. Identidades mutuamente definidoras;
9. A capacidade de avaliar a adequação das ações e produtos;
10. Ferramentas específicas, representações e outros artefatos;
11. A sabedoria local, histórias compartilhadas, piadas, sabendo riso;
12. Jargão e atalhos para as comunicações, bem como a facilidade de produzir novos;
13. Certos estilos reconhecidos como a indicação de membros;
14. Um discurso compartilhado refletindo certa perspectiva sobre o mundo.

Os indicadores estão distribuídos entre as três dimensões de comunidade de práticas estudadas por Wenger (1998, p.49): empreendimento conjunto (empreendedorismo, responsabilidade mútua, interpretações, ritmos, respostas locais); engajamento mútuo (diversidade de envolvimento, fazer conjunto, relacionamentos, complexidade social, sustentação da comunidade); e, repertório compartilhado (histórias, artefatos, ferramentas, estilos, ações, acontecimentos históricos, discursos e conceitos).

2.2.3 Etapas de desenvolvimento de comunidades de prática

As comunidades de prática, assim como qualquer outro organismo, produto, serviço ou seres vivos, têm também um ciclo de vida que resulta em etapas diferentes (WENGER McDERMOTT e SNYDER, 2002, p.68). Os autores definem cinco estágios na evolução de uma CoP. A primeira chamada de “potencial” verificam-se que há grupo de pessoas com os mesmos questionamentos, indagações e necessidades. Os responsáveis pela organização devem mostrar os benefícios da participação dessa comunidade.

Na segunda etapa “crescimento” é estabelecido o valor de compartilhar conhecimento sobre o domínio definido. E, a relação de confiança é parâmetro para o processo de crescimento da comunidade. Na terceira etapa “maturidade”, a comunidade cresce rumo a sua sustentabilidade em termos de número de membros. Suas práticas são reconhecidas pela organização que patrocina a CoP e seus membros.

Na quarta etapa, “sustentação” a comunidade está definida, mas precisa manter sua sustentabilidade, incentivar ações para manter interessados os membros antigos e estabelecer ações para conquistar novos interessados; promover capacitação para os novos membros e buscar maior reconhecimento. E, na quinta e última etapa “transformação”, é onde a comunidade ainda é parte da identidade de seus membros, colecionam memórias e as repassam. É a fase de preservação da memória da comunidade. Nesse momento, a comunidade pode fundir-se a outras ou diversificar suas atividades (WENGER; McDERMOTT; SNYDER, 2002, p.68).

É na etapa “potencial” que é determina-se quem serão os participantes (membros) da comunidade. Neste momento identifica-se o líder e coordenador, pois eles são a chave para o sucesso da comunidade. Geralmente os líderes são indivíduos bem respeitados, entende do domínio da comunidade, isto é, são especialistas no assunto, possuem boas conexões e conhece quem é quem na comunidade. Outro papel fundamental para o sucesso de uma comunidade de prática é o de coordenador. Eles são entendidos e entusiastas do assunto, também são respeitados pelos pares e patrocinadores, mas necessariamente não tem que ser um “expert” na área. (WENGER; McDEMORTT; SNYDER, 2002, p.78).

No próximo item são apresentados outros aspectos que podem contribuir para o sucesso de uma comunidade de prática.

2.2.4 Fatores de sucesso

Como mencionado anteriormente comunidades de prática traz benefícios para seus membros e para a organização, porém alguns fatores contribuem para o sucesso de uma CoP.

Ao abordar os fatores de sucesso de uma CoP é necessário recorrer às investigações de Richard McDermott (2001). Para o autor comunidades de prática além das vantagens descritas podem conectar pessoas, alavancar o conhecimento tácito (conhecimento dos mais experientes para os iniciantes) e contribuir para confiança entre participantes de um mesmo grupo.

O pesquisador assegura que para se alcançar sucesso com uma comunidade tem que ficar atento a 10 fatores, os quais estão distribuídos em quatro desafios (da gestão, da comunidade, o técnico e o pessoal) ao iniciar e apoiar comunidades que tenham o perfil para compartilhar conhecimento tácito (as experiências e conhecimento que todas as pessoas têm sobre determinado assunto) e estão propensas a pensar juntos na melhor prática para o seu dia-a-dia.

O desafio de gestão é o de comunicar que a organização realmente valoriza a partilha de conhecimentos (fatores: liderança, membros e patrocínio). O desafio da comunidade é criar valor real para seus membros e garantir que as ações sejam o pensamento de todos os membros (ambiente social, regras e confiança). O desafio técnico é a concepção de sistemas humanos e informacionais que não só torna as informações disponíveis, mas ajuda aos membros da comunidade pensar juntos (tecnologia como suporte). E o desafio pessoal que é estar aberto para as ideias dos outros e manter uma sede para o desenvolvimento da prática da comunidade (participação efetiva).

2.3 TEORIA DA DIFUSÃO DE INOVAÇÃO

Considerando-se que a proposta da pesquisa compreendeu o estudo da trajetória da REDARTE/RJ buscou-se aspectos da teoria da difusão de inovação (ROGERS, 2003) para subsidiar a análise.

Antes se deve conceituar inovação, cuja definição é muito abrangente, para a pesquisa foi adotada a descrição que consta no Manual de Oslo (OECD, 2003).

O Manual de Oslo define inovação como a “implementação de um produto (bem ou serviço) novo, significativamente melhorado, um processo, um novo método de marketing, um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas” (OECD, 2003). A OECD fundamenta sua publicação com quatro escopos: abrangência setorial, a inovação no nível da empresa, inovação tecnológica de produto e de processo e difusão da inovação.

Para esta investigação admitiu-se a abordagem do escopo de difusão de inovação, cuja teoria foi utilizada para análise dos dados coletados. Rogers (2003) define inovação de forma ampla e considera ideias, práticas ou objetos que sejam constatados como novos pelo indivíduo ou área que os adota. Independente da existência ou não da prática, ideia, desde que seja uma nova forma de fazer e/ou olhar para os potenciais adotantes da mesma. Junto à

inovação vem a sua difusão, pois se esta for aceita terá sucesso ao se disseminar entre os pares por meio de canais de comunicação utilizados ao longo do tempo.

Baseado nesta definição entende-se que a REDARTE/RJ pode ser analisada como uma inovação por se tratar de uma ideia, bem como uma prática de organização criada pelos profissionais de Informação em Arte que trabalhavam em bibliotecas no Estado do Rio de Janeiro. Neste sentido, pode ser então, considerada como uma inovação organizacional, motivo pelo qual se utiliza o conceito de difusão de inovação para analisar sua criação e evolução.

Para Rogers (2003, p. 5) a “difusão é o processo em que uma inovação é comunicada através de certos canais ao longo do tempo entre os membros de um sistema social”. A difusão pode ser um agente de mudança numa organização, numa área de negócio, no modo de agir/atuar de profissionais de determinada área do conhecimento. Isto é, quando novas ideias são inventadas, difundidas e são adotadas ou rejeitadas, levando a certas consequências ocorre a mudança. (ROGERS, 2003).

Os elementos que embasam difusão da inovação são quatro: a inovação, os canais de comunicação, o tempo e o sistema social (ROGERS, 2003, p.11).

Para interpretar os dados da pesquisa no que concerne à trajetória da Rede o interesse recaiu sobre o elemento sistema social. Rogers (2003, p.23) define como (sistema social) um conjunto de unidades interrelacionados que estão engajadas na resolução conjunta de problemas para realizar um propósito comum. Um sistema social pode ser composto indivíduos, grupos informais, organizações e ou subsistema.

Todos os membros cooperam, pelo menos, para solucionar um problema comum a fim de alcançar um objetivo comum. Este compartilhamento de um objetivo comum liga o sistema em conjunto.

Ainda sobre a difusão Rogers (2003, p. 282-285), define as categorias de adotantes de inovação como: inovadores, adotantes iniciais, maioria inicial, maioria retardatária e retardatária.

3 METODOLOGIA

A estratégia metodológica utilizada foi uma pesquisa de natureza exploratória com a finalidade de traçar um panorama do fenômeno estudado, segundo Gil (2008, p.27) “... desenvolvida com objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de

determinado fato”; e ao mesmo tempo, descritiva, pois discorreu sobre os atributos, as relações e as interações da REDARTE/RJ, seus membros e atividades (GIL, 2008, p.28).

Trata-se de estudo de caso que investigou a evolução da REDARTE/RJ, seus integrantes, produtos e serviços analisados por meio da abordagem qualitativa, pois

[...] é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. [...], as abordagens qualitativas se conformam melhor as investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para a análise de discursos e de documentos. (MINAYO, 2013, p. 57).

A predominância foi da abordagem qualitativa, embora tenha sido utilizada a abordagem quantitativa (estatística – frequência absoluta e relativa) para tabular e apresentar os resultados do questionário enviado aos membros. Minayo e Sanchez (1993, p.247) consideram que a relação entre as abordagens (qualitativa e quantitativa) deve ser considerada complementar e não contraditória, deve-se respeitar “seus significados mais essenciais”.

A combinação de aspectos das abordagens (qualitativa e quantitativa) resultou na triangulação de dados que traz, segundo Yin (2010, p. 120). “oportunidade de utilizar muitas fontes diferentes para a obtenção de evidências”. Foram adotadas técnicas diferentes para a coleta dos dados: pesquisa documental, análise de site, observação de reuniões, questionário e entrevista.

O público-alvo da pesquisa foram os membros associados da REDARTE/RJ. Aos 31 afiliados da Rede em julho 2014, foi enviado um questionário com 45 assertivas, e foram recebidas 22 respostas, o que significou 71% de resultado. Também, realizaram-se entrevistas com a coordenadora e fundadora da Rede, bem como com a presidente do período de 2012-2014.

Com o material coletado serviu de base para estruturar um questionário para os membros e um roteiro de entrevista para reunir as impressões da coordenadora-fundadora da Rede. Para o questionário elaborou-se assertivas utilizando a escala de Likert onde os integrantes da Rede puderam indicar seu nível de concordância (concordo totalmente, concordo, desconheço, discordo e discordo totalmente) referente à sua participação na REDARTE/RJ.

Para este artigo foram selecionados alguns resultados das respostas das assertivas enviadas aos membros da REDARTE/RJ.

Ressalta-se que os dados apresentados neste estudo é uma síntese de pesquisa de dissertação de uma das autoras.

A análise dos resultados foi executada utilizando-se os fundamentos teóricos, métodos e técnicas mencionados.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1 OBJETO DE ESTUDO: REDE DE BIBLIOTECAS E CENTROS DE INFORMAÇÃO EM ARTE - REDARTE/RJ

A REDARTE/RJ pode ser considerada uma iniciativa *bottom up*, de baixo para cima, idealizada por Solange Zuñiga, na época, diretora Departamento de Pesquisa e Documentação da Fundação Nacional de Arte – FUNARTE, órgão do Ministério da Cultura. Tendo como coordenadora Helena Dodd Ferrez, coordenadora do departamento de Documentação da mesma instituição.

A primeira reunião aconteceu no dia 8 de dezembro de 1995 e contou com a participação de 15 pessoas representantes de 11 instituições que possuíam bibliotecas e centros de informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro.

Cinco dos onze participantes da primeira reunião permanecem como membros (FUNARTE/CEDOC, Museu Histórico Nacional, Museu Nacional de Belas Artes, Museu de Arte Moderna/RJ e UNIRIO/Centro de Letras e Artes).

Durante 10 anos a Rede funcionou de maneira informal. Em 2005, com mais que o dobro de instituições integrantes, comemora-se o décimo aniversário da REDARTE. Com a estruturação do estatuto a Rede é oficializada em cartório e passa a ser uma associação civil sem fins lucrativo de natureza cultural.

No estatuto da Rede, em 2014, seu objetivo principal era ampliar, para o público em geral e os pesquisadores de Arte em particular, as opções de acesso a todo um universo de informações disponível em um conjunto expressivo e representativo de acervos especializados em Arte, localizados nas cidades do Rio de Janeiro e em Niterói.

Até a realização da pesquisa eram 28 instituições associadas e 3 sócios colaboradores (pessoas físicas). Os usuários dos produtos e dos serviços são os pesquisadores, estudantes e interessados em Arte das instituições integrantes da Rede.

Os dados coletados no questionário, nas entrevistas e no levantamento documental foram interpretados sob a perspectiva teórica de Wenger, McDermott e Snyder (2002) para três características (o domínio, a comunidade e a prática); Wenger (1998) para os indicadores de CoP e McDermott (2001) para os fatores de críticos de sucesso de comunidades de prática.

Quanto à evolução da Rede foi utilizada a teoria da difusão de inovação de Rogers (1983; 2003). Os dados coletados foram analisados de acordo com o objetivo proposto analisar e identificar quais características da Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro - REDARTE/RJ se equivalem às características de comunidades de prática (CoP), e verificar se as características identificadas podem contribuir para a maior integração das ações desenvolvidas pelos profissionais de informação em Arte e suas instituições.

4.2 PERFIL DOS RESPONDENTES

Observa-se que os representantes das instituições são bibliotecários, arquivistas, museólogos, e historiadores.

Foi enviado um questionário com aproximadamente 45 assertivas para os 31 representantes dos membros da Rede e foram recebidas 22 respostas. Vale destacar que cinco instituições estavam sem representantes no período da aplicação do questionário, sendo assim, deixaram de responder 4 associados.

Significa que 71% dos representantes dos membros da REDARTE/RJ atenderam ao pedido. Levando-se em conta que cinco instituições estavam sem representantes no período da aplicação.

Constata-se que 100% dos respondentes são bibliotecários, sendo 68% dos respondentes estão acima de 20 anos de trabalho, o que configura um número expressivo de representantes com tendência a aposentadoria.

4.3 TEORIA DA DIFUSÃO DE INOVAÇÃO E A REDARTE/RJ

As autoras acreditam que a REDARTE/RJ pode ser considerada uma inovação, pois como um sistema social (bibliotecas e centros de informação em Arte) trata de um conjunto de unidades inter-relacionadas que se unem para solucionar um problema e atingir uma meta comum.

A difusão da inovação ocorre por meio de um tipo especial de comunicação que se espalha mensagens sobre novas ideias. No caso da Rede desde o começo, como se verificou na primeira ata – a comunicação boca-a-boca e nos dias atuais conta com as redes sociais . Este processo está dividido: a inovação propriamente dita, a difusão e a expansão.

Na REDARTE/RJ a inovação está presente na idealização e a proposição do convite por parte de Solange Zuñiga da FUNARTE e a coordenação de Helena Ferrez da mesma

instituição. Verificaram oportunidade de trabalhar com a realidade existente (carência de recursos humano e financeiro) e transformam em força a carência, com a finalidade de melhorar a forma de prestar serviço aos usuários das bibliotecas participantes da Rede. Dessa forma, o objetivo era ampliar o acesso à informação em Arte no Estado do Rio, pois todas estavam dispersas e muito “carentes de atenção”.

A difusão ocorre quando é realizada a primeira reunião com 11 (onze) membros (dezembro 1995 – ao final da reunião a coordenadora Helena Ferrez, solicita que os colegas “identifiquem e convidem outros colegas para a próxima reunião”). E, a cada reunião novos membros vão se comprometendo com a Rede.

Quanto à expansão constata-se ao final de 1996 são 28 (vinte e oito) membros e com correr dos anos associados entram e saem da Rede, mas a oscilação é pequena. Em 2014, totalizam 28 bibliotecas participantes e 3 sócios colaboradores. Após 2006, com oficialização da Rede como uma associação civil de natureza cultural, estruturada como uma organização amplia a área de atuação da REDARTE/RJ. Neste momento a Rede começa a diversificar seus produtos (site e redes sociais) e serviços (consultoria e assessoria).

4.4 ASPECTOS DE COMUNIDADES DE PRÁTICA E A REDARTE/RJ

A análise e interpretação foi realizada de modo a extrair das respostas das 45 assertivas, da documentação e das entrevistas o que poderia ser entendido como característica, indicador, fatores de sucesso e estágio de comunidades de prática.

Como o questionário foi estruturado sob a escala de concordância de Likert, levou-se em consideração o somatório das respostas para concordo totalmente e concordo para cada assertiva.

Observa-se a subjetividade do tema permite inúmeras interpretações. As autoras distribuíram a análise do material coletado entre as características de comunidades de prática: o domínio, a comunidade e a prática; bem como, em relação aos indicadores de CoP.

A título de ilustração para o presente artigo, apresenta-se a seguir um resumo do resultado obtido junto aos membros da Rede. Informa o número de respondentes para cada assertiva (frequência absoluta) e apresenta respectivo percentual (frequência relativa). Verifica-se que para manter a porcentagem com dígitos, optou-se por “arredondar” os valores, para baixo ou para cima dependendo do resultado.

O domínio está representado no Quadro 1.

Quadro 1 – Característica: o domínio

Características de CoP (Wenger; McDermott; Snyder, 2002)	Indicadores de CoP (Wenger, 1998)	Assertivas (REDARTE/RJ)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
O Domínio	Conhecer o que os outros sabem, o que eles podem fazer, e como eles podem contribuir para uma empresa;	Acredito REDARTE/RJ criou uma imagem/marca na área de informação.	18	81%
		Considero o Estatuto da REDARTE/RJ é norteador dos padrões da Rede.	19	86%
	Um discurso compartilhado refletindo uma certa perspectiva sobre o mundo;	A REDARTE/RJ procura parceria com outros órgãos de atuação de profissionais de informação.	18	81%
		Possuir um planejamento estratégico para o direcionamento a médio/longo prazo.	17	76%
		Existe reconhecimento por parte dos meus superiores da importância de minha participação na REDARTE/RJ.	19	85%
		Participar da REDARTE/RJ dá maior visibilidade para minha vida profissional.	20	91%

Fonte: Elaboração das autoras

Observa-se que a REDARTE/RJ possui 83% da característica domínio (soma do número do percentual de respostas dividido pelo número de assertivas).

Apresenta como pontos fortes: a identidade, visibilidade, parcerias e patrocínio. Os estudos para adoção de um planejamento estratégico estão em andamento, mas surge no resultado como mais uma força para a Rede.

Os respondentes ao considerarem o Estatuto da Rede como um norteador dos padrões, demonstra que há um documento que estabelece as regras a serem seguidas pelos membros da REDARTE/RJ como propõe o indicador de CoP “o embasamento é comum a todos” (WENGER, 1998, p. 125-126) e no “alinhamento com a estratégia da” defendido por McDermott (2001) reforçando a característica de domínio.

Os pontos de atenção são para os novos que integrantes necessitam de nivelamento sobre regras e benefícios da Rede.

A comunidade é ilustrada no Quadro 2.

Quadro 2 – Característica: a comunidade

Características de CoP (Wenger; McDermott; Snyder, 2002)	Indicadores de CoP (Wenger, 1998)	Assertivas (REDARTE/RJ)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
A Comunidade	A sustentabilidade das relações mútuas - harmoniosas ou conflituosas;	Sinto-me comprometido com a REDARTE/RJ.	19	86%
	Sobreposição substancial entre as descrições de quem pertence dos participantes;	Percebo que o compromisso, colaboração e o compartilhamento é uma regra implícita nas ações da REDARTE/RJ.	17	76%
	Identidades mutuamente definidas;	Sou incentivada a compartilhar com os membros da rede as falhas/as ações e atitudes incorretas.	19	86%
	A capacidade de avaliar a adequação das ações e produtos;	Os membros da REDARTE/RJ conhecem e reconhecem o seu papel.	16	73%
	A sabedoria local, histórias compartilhadas, etc.	Existe entre os membros da REDARTE/RJ um clima de confiança e credibilidade na informação gerada e compartilhada.	18	81%
	Certos estilos reconhecidos como a indicação de membros;	As tomadas de decisões na REDARTE/RJ são pautadas em definições dos membros da rede.	19	85%

Fonte: Elaboração das autoras

O Quadro 2 demonstra que a Rede possui 81,2% da característica comunidade.

Os pontos fortes para a característica comunidade são o compromisso, o orgulho, o sentimento de pertença, estar aberto a novos produtos e serviços.

Comprometimento pode ser entendido na perspectiva de Wenger (1998) e McDermott (2001) como o sentimento de pertencer à determinada comunidade, é essencial para o sucesso da mesma. Melo (2015, p. 65) destaca o registro em ata da reunião de 8 de junho de 2010 onde esta descrito que “Denise Baptista (representante do Museu Castro Maya) agradeceu o apoio recebido na busca de um item de difícil localização, e ressaltou a importância da Rede nesse fato”.

O diagnóstico apontou como ponto de atenção para esta característica, incutir nos novos membros o compromisso, o ‘desconhecimento’ do papel que ocupa na Rede, a existência de obstáculos à inovação, patrocínio efetivo, diversidade de acervo, recursos humanos e financeiros.

A prática é demonstrada no Quadro 3.

Quadro 3 – Característica: a prática

Características de CoP (Wenger; McDermott; Snyder, 2002)	Indicadores de CoP (Wenger, 1998)	Assertivas (REDARTE/RJ)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
A Prática	Formas compartilhada de engajar-se e fazer as coisas juntos;	Oriento meus usuários a utilizarem os recursos da REDARTE/RJ.	16	72%
		Posso compartilhar minhas dúvidas e incertezas que acharei orientação na Rede para melhor conduzir a situação.	19	86%
		Sinto-me como parte responsável pelos resultados da REDARTE/RJ.	18	82%
		A participação na REDARTE/RJ facilitar o processo de empréstimo de documentos para meus usuários.	17	77%
		Os resultados positivos são disseminados de forma que possam ser reproduzidos pelos membros em ocasião oportuna.	18	81%
	Ferramentas específicas, representações e outros artefatos;	A divulgação/disseminação da informação em Arte na REDARTE/RJ possibilita manter-me atualizado.	15	67%
	O site da REDARTE/RJ atende as necessidades informacionais dos usuários de minha instituição.	15	68%	

Fonte: Elaboração das autoras

A característica prática de comunidades de prática está presente na REDARTE/RJ em 76,1% das respostas.

Quanto aos pontos fortes para o atributo prática pode se dizer que o empréstimo entre instituições, melhoria do trabalho no dia-a-dia, site e uso do e-mail.

Observa-se a prática comum aos membros de orientar os usuários de suas instituições na utilização dos recursos da Rede, a página oferece acesso aos catálogos das bibliotecas participantes conforme 72% dos respondentes. Outro exemplo é a questão de grau de confiança (McDermott, 2001) pode ser avaliada positivamente, pois no ambiente da Rede é possível aos integrantes compartilharem suas dificuldades. Verifica-se a existência confiança entre os integrantes da Rede, pois dos 22 respondentes 19 concordaram que é possível “compartilhar dúvidas e incertezas, pois encontram orientação para melhor conduzir a situação”.

Em 2015, a REDARTE/RJ comemora 20 anos de trabalho, para traçar sua trajetória foi criado um grupo de trabalho (GT) denominado Projeto Memória REDARTE/RJ (em andamento) cujo objetivo é traçar o histórico da Rede a ser apresentado no 4º Seminário de Informação em Arte a ser em de 2015.

Pontos que requerem atenção: falta de repositório ou base de conhecimento para registrar as melhores práticas, lições aprendidas e os pontos de melhoria. Alguns membros desconhecem a dinâmica da Rede, pouco uso do site e produtos nele disponibilizados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que o presente trabalho atingiu seu objetivo, apresentou uma síntese de pesquisa que analisou e identificou as características da Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro equivalentes às características de comunidades de prática, e verificar a contribuição das características identificadas para ampliar a integração das ações desenvolvidas pelos profissionais de informação em Arte e suas instituições.

Conclui-se que a REDARTE/RJ possui as características e indicadores de comunidades de prática quando apresenta nos exemplos ilustrados o resultado para as características: o domínio conta 83,%, a comunidade 81,2% e a prática 76,1%. Também, observa-se que determinadas práticas utilizadas em CoP podem ser empregadas na dinamização das práticas da REDARTE/RJ.

Muitas das atividades, a cumplicidade, a confiança, o comprometimento, a troca de experiências, informações e conhecimento, o ambiente de camaradagem, a colaboração e o entrosamento dos membros da Rede são características encontradas em comunidades de prática, ao mesmo tempo são aspectos que contribuíram o sucesso da Rede.

Em termos de estágio de desenvolvimento a REDARTE/RJ se encontra na etapa de transformação, de acordo com a teoria comunidades de prática onde o desafio é garantir o ritmo e acompanhar as mudanças de membros, tecnologias e relações. Percebe-se que é o momento de preservar o que já foi realizado e abrir para outras oportunidade conservando seus objetivos iniciais.

A REDARTE/RJ em relação à teoria da difusão encontra-se na fase de expansão, pois ao estabelecer nova redação para o estatuto e elaborar o texto do planejamento estratégico ela está se preparando para novas oportunidades no mercado.

Embora tenham sido apresentadas teorias distintas no presente estudo, comprovou-se no momento da análise a aproximação da definição de sistemas sociais utilizada por Rogers (1983; 2003), teoria da aprendizagem social e comunidades de prática por Wenger (1998). Verifica-se que a REDARTE/RJ é um sistema social na área de informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro.

Estudar as características de comunidades de prática em relação às atividades da REDARTE/RJ corrobora para certificar que é possível o aprendizado coletivo e que a troca de experiência acontece mesmo em se tratando de instituições integrantes de área de conhecimento tão distintas.

Os resultados da pesquisa apontam subsídios que podem colaborar para estudos futuros, tais como: tipologia de comunidades de práticas, a realização de uma publicação com os profissionais de informação em Arte que são e foram membros da Rede (quem é quem) – páginas amarelas, para comunidades de prática.

Embora tenham sido apresentadas teorias distintas no presente estudo, contactou-se no momento da análise aproximação da definição de sistemas sociais utilizada por Rogers (2003), teoria da aprendizagem social e comunidades de prática (Wenger, 1998). A REDARTE/RJ é um sistema social na área de informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro.

Ao concluir o estudo elaborou-se uma lista de sugestões para a REDARTE/RJ. Entre as recomendações estão: elaborar um plano de comunicação com kit para os novos membros, patrocinadores e parceiros sobre a Rede poderá ser um dos instrumentos do planejamento estratégico. Orientou-se que verificasse o Programa da IFLA para Fortalecimento de Entidades de Classe (BSLA). A realização de dois a três encontros (workshop) anuais para alinhamento dos membros (WENGER; MCDERMOTT; SNYDER, 2002, p. 130). Utilizar nos eventos a técnica de lições aprendidas do *Project Management Body of Knowledge* (PMBOK) com o intuito de registrar as experiências dos membros. Estruturar uma base de conhecimento para preservar as práticas positivas e as que requerem melhorias, histórias de sucesso e a memória da Rede. E, a aplicação de uma pesquisa de satisfação de usuários com os produtos e serviços da Rede entre outras.

REFERÊNCIAS

ANDREW, Nicola; TOLSON, Debbie; FERGUSON, Dorothy. Building on Wenger: Communities of practice in nursing. **Nurse Education Today**, v.28, n.2, Feb. Disponível em: < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17599697>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Senac, 2003.

GÓMEZ, Pedro; RICO, Luis. **Learning within communities of practice in preservice secondary school teachers education**. 2007. Disponível em: <<file:///D:/Meus%20documentos/Downloads/Dialnet-LearningWithinCommunitiesOfPracticeInPreserviceSec-2324736.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

MALHOTRA, Yogesh. An interview with Dr. Yogesh Malhotra. **Emerald for Managers**. Knowledge Management, 2005. Entrevistador: Alistair Craven. Disponível em: <http://www.emeraldgrouppublishing.com/learning/management_thinking/interviews/pdf/malhotra.pdf?PHPSESSID=6lbq1gqn1kdmnioofaltsf6po0>. Acesso em: 31 jan. 2014.

MELO, Elisete de S. **Comunidades de prática: um estudo de caso na Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estrado do Rio de Janeiro – REDARTE/RJ**. 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2015

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo – Qualitativo: oposição ou complementariedade?. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação do conhecimento na empresa**: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. 2ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

OECD. **Manual de Oslo**: diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação. 3.ed. p.55. Disponível em:< <http://www.uesc.br/nucleos/nit/manualoslo.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo. Escalas de Mensuração de Atitudes: Thurstone, Osgood, Stapel, Likert, Guttman, Alpert. **Administração On Line**, v. 2, n. 2, 2001. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art22/tania.htm>. Acesso em: 4 jun. 2014.

PROJECT MANAGEMENT INSTITUTE. **Um guia do conhecimento em gerenciamento de projeto**: guia PMBOK. 4ed. 2008. Disponível em:<<http://www.tecgraf.puc-rio.br/~bia/Estudo/PMBOK%202008%20Portugu%C3%AAs.pdf>>. Acesso em: 29 julho 2014.

REDES DE BIBLIOTECAS E CENTROS DE INFORMAÇÃO EM ARTE NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – REDARTE/RJ. **Atas**. Rio de Janeiro, 1995-1997, 2005-2007, 2010-2014. Mimeo.

_____. **Estatuto**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: < <http://redarterj.com/estatuto/>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

ROGERS, Everett. **Diffusion of Innovations**. 3ed. New York: Free Press, 1983.

_____. **Diffusion of Innovations**. 5ed. New York: Free Press, 2003.

SIEDLOK, F., HIBBERT, P. and SILLINCE, J. From practice to collaborative community in interdisciplinary research contexts. *Research Policy*, v.44, n.1, p.96-107, February, 2015.

TERRA, José Claudio. [Apresentação]. **Gestão do Conhecimento: 7 dimensões e 100 práticas gerenciais**. 2007.

_____. **Gestão do conhecimento: o grande desafio empresarial**. 5ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 315p.

TOWNLEY, Charles T. KM and academic libraries. *College & Research Libraries*, v. 62, n. 144, p.44-55, Jan. 2001. Disponível em: < <http://crl.acrl.org/content/62/1/44.full.pdf+html> >. Acesso em: 4 fev. 2014.

WENGER, Etienne. **Communities of practice: learning, meaning, and identity**. Cambridge, UK: University of Cambridge Press, 1998.

_____. Communities of Practice and Social Learning Systems. *Organization*, v. 7, p. 225-246, May, 2000. Disponível em: < <http://org.sagepub.com/content/7/2/225.abstract> >. Acesso em: 10 jul. 2015.

_____. Comunidade de prática. **Portal KMOL**, [s.l.], jun. 2001. Entrevista concedida a Ana Neves. Disponível em:< <http://kmol.pt/entrevistas/2001/06/01/etienne-wenger>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

_____. **Communities of practice: the art of learning together**. Apresentação. USA: Etienne Wenger: Learning for small planet, 2006.

_____. **Communities of practice and social learning systems: the career of a concept**. 2010. Disponível em: < <http://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2012/01/09-10-27-CoPs-and-systems-v2.0.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

_____. **What are Communities of practice?** Disponível em: < <http://www.ncddr.org/cop/whatiscop.html>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

_____. **Capacidade social de aprendizagem: quatro ensaios sobre inovação e aprendizagem em sistemas sociais**. [2011?]. Disponível em: <<http://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2011/12/09-04-17-Etienne-Wenger-PT.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

_____.; McDEMORTT, Richard; SNYDER, William. **Cultivating communities of practice: a guide to managing knowledge**. Boston: Harvard Business Press, 2002.

WILSON, T. D. The nonsense of 'knowledge management'. *Information Research*, v.8, n.1, Oct. 2002. Disponível em: < <http://www.informationr.net/ir/8-1/paper144.html>>. Acesso em: 31 jan. 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.